

DOSSIÊ

especial

Expresso

Este suplemento
faz parte integrante
da edição n.º 2806
de 07/08/2026 do
Expresso e não
pode ser vendido
separadamente.



Lisboa
JARDIM
ZOOLOGICO
Portugal

ZOO

Conservar, educar e investigar

AGOSTO 2026



PORTAS ABERTAS

Conservação:
uma missão partilhada

ENTREVISTA COM

Laurie Marker, fundadora do
Cheetah Conservation Fund

DESTAQUE

GUARDIÕES DOS PANDAS

os mais discretos habitantes do Zoo

Fotografia Rui Bernardino

sumário

4. BREVES

Notícias e novidades do Zoo

6. PEGADAS

De Hong Kong a Lisboa

8. RAIOS X

Um evento fora da caixa...
dentro do Zoo | Um Jardim
com história

10. DESTAQUE

Os guardiões dos
Pandas-vermelhos

16. PORTAS ABERTAS

Conservação: uma missão
partilhada

20. ZOO EM MOVIMENTO

Três tigres felizes | Uma ave
punk

22. INSPIRAR A AGIR

O bichinho de aprender | Zonas
húmidas

24. ENTREVISTA COM

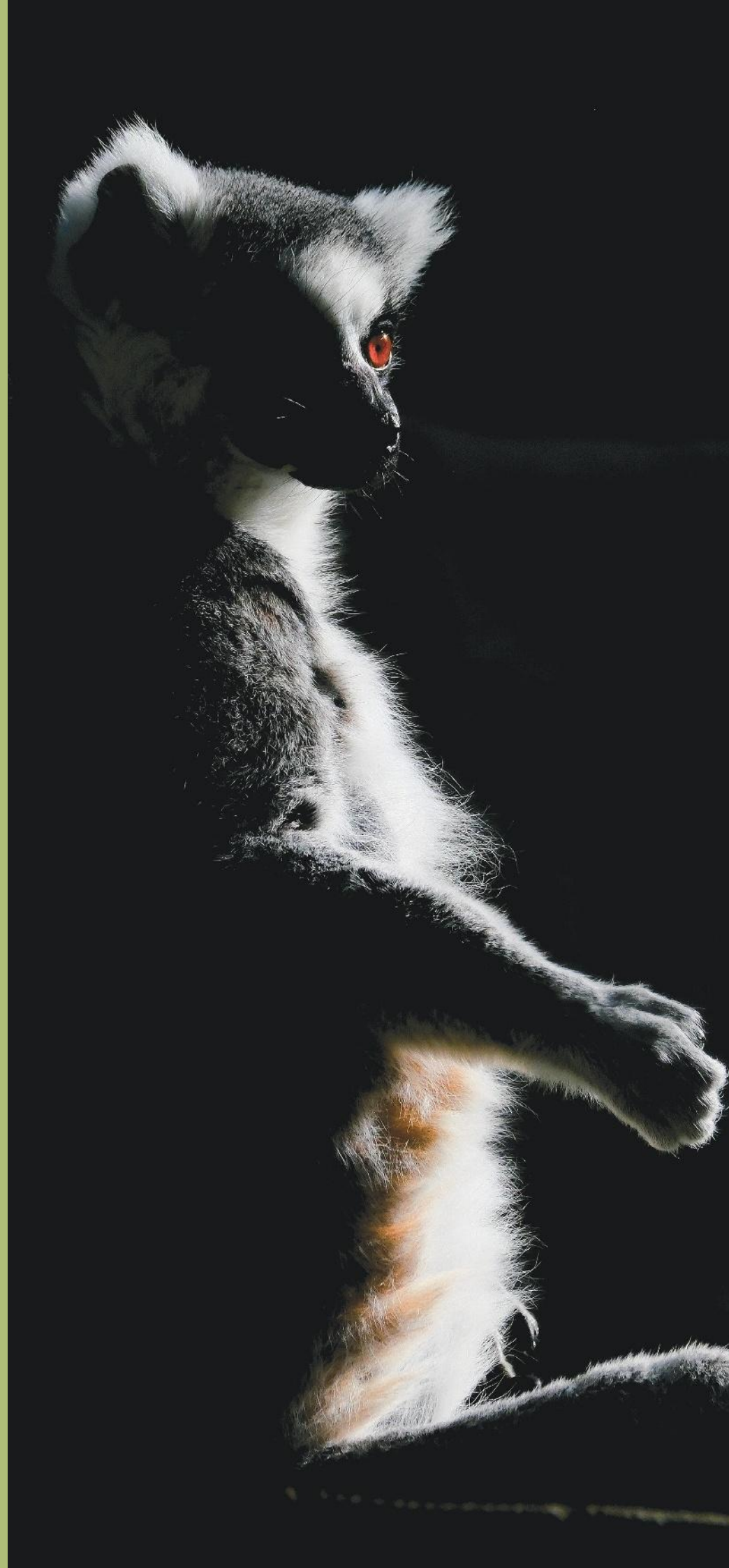
Laurie Marker, fundadora do
Cheetah Conservation Fund

28. NATUREZA SEM FRONTEIRAS

Do Ádax à Zebra | Missão do Zoo
no mundo

34. DESAFIOS ZOO

Jogos e atividades





Francisco Naharro Pires
Presidente

"... somos guardiões de um património vivo, ligados por um propósito maior que atravessa fronteiras e gerações".

A FORÇA DA CONSERVAÇÃO ESTÁ NAS PESSOAS

Poucos são os que não guardam uma memória do Jardim Zoológico: das visitas em criança, de braço dado com os avós, ao regresso, anos depois, já com os filhos pela mão. Ao longo de 142 anos, o Zoo conquistou um lugar especial na vida de várias gerações. Mas a nossa história, feita de evoluções e transformações, vai muito além desse legado emocional.

Hoje, a missão do Zoo não é só dar a conhecer espécies de todo o mundo. É aproximar as pessoas da Natureza e contribuir activamente para a conservação da biodiversidade, através da educação ambiental, da investigação científica e da participação em projectos que ultrapassam fronteiras, com impacto na preservação da vida selvagem.

Nesta edição, contamos histórias que mostram como a paixão pelos animais e pela Natureza tem o poder de transformar mentalidades, aproximar comunidades e mudar o mundo. Partimos numa viagem por vários continentes ao encontro de pessoas que dedicam a sua vida à protecção da biodiversidade. Das florestas densas do Nepal, onde os guardas enfrentam o isolamento e os desafios do terreno para proteger o Panda-vermelho, às savanas da Namíbia, onde a norte-americana Laurie Marker faz da conservação da Chita a sua missão de vida.

Pela voz de José Dias Ferreira, antigo curador do Jardim Zoológico, viajamos até à Arábia Saudita para perceber como décadas de experiência no Zoo continuam a ter impacto além-fronteiras, contribuindo para a conservação *in situ* de duas subespécies ameaçadas de leopardo.

A conservação faz-se de pontes, de colaboração e, sobretudo, de pessoas. É por isso que o Zoo assume um papel cada vez mais importante na protecção das espécies, integrando projectos em várias partes do mundo e promovendo o conhecimento científico essencial à salvaguarda dos animais e dos seus *habitats*.

O Jardim Zoológico é um espaço de sensibilização e aprendizagem, onde as gerações mais jovens podem criar uma ligação à Natureza e desenvolver, desde cedo, o respeito e a responsabilidade necessários para a proteger. Porque o futuro das espécies depende de todos nós.

Em Sete Rios, somos guardiões de um património vivo, ligados por um propósito maior que atravessa fronteiras e gerações. Um propósito que só é possível graças ao empenho de colaboradores, parceiros, visitantes e de todos os que acreditam que a conservação da Natureza é uma responsabilidade partilhada.

A todos os que, diariamente, ajudam a manter viva esta missão e a dar vida à Natureza, o nosso sincero obrigado.



FICHA TÉCNICA

AGOSTO 2026

ESPECIAL ZOO – Impresa Publishing – Dossiês Especiais

Edifício Francisco Pinto Balsemão, 242, 2.º, 2770-022 Paço de Arcos Telefone: 214 544 000

Publicidade/Vendas: Carlos Lopes (Diretor) [calopes@impresa.pt], Miguel Teixeira Diniz (comercial) Telefone 917 213 755 [mdiniz@impresa.pt]

EDITOR: Jardim Zoológico **LOGÍSTICA, PRÉ-PRESS, MULTIMÉDIA E TRATAMENTO DE IMAGEM:** Produção Publishing: Pedro Miguel Fernandes (Diretor) [pmfernandes@impresa.pt] **REDAÇÃO:** Clara Silva **DESIGN GRÁFICO:** Sofia Duarte

FOTOGRAFIA: Jardim Zoológico, Carlos Nunes.

Os conteúdos publicados no presente dossiê são da responsabilidade exclusiva do Departamento Comercial da Impresa Publishing, sendo editorialmente autónomos dos cadernos principais do jornal Expresso

TODA A EDIÇÃO FOI FEITA AO ABRIGO DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO, COM EXCEÇÃO DO EDITORIAL.

FLAMINGOS COM PENAS CINZENTAS, MAS POR POUCO TEMPO

Em 2025, depois de vários meses de cuidados para otimizar a instalação dos flamingos, chegaram as boas notícias: três novas crias, que intrigaram os visitantes do Zoo pela cor das penas, cinzentas, em vez das habituais carmim – só mais tarde, com a alimentação, vão ganhando essa cor. Uma das crias, “Pinkachu”, precisou de ajuda durante a eclosão, já que a sua posição no ovo não era a mais favorável. Foi necessária a intervenção da equipa veterinária do Zoo, mas, no dia seguinte, já tinha regressado aos cuidados parentais.



Fotografia: Eric Isselee/Shutterstock.com



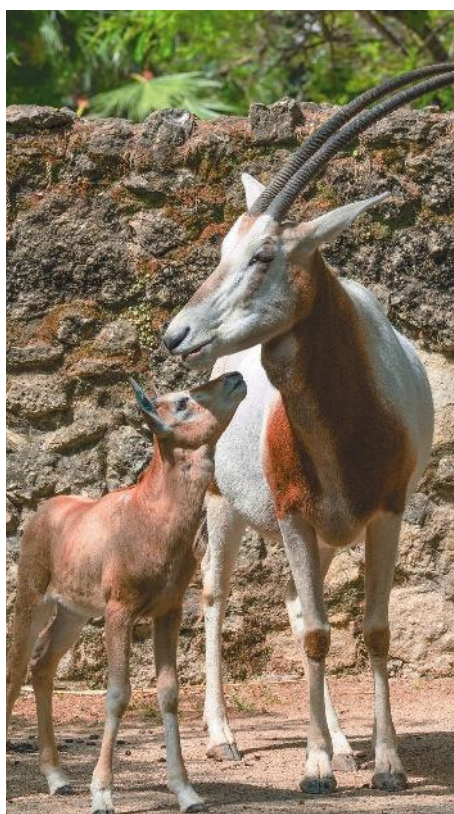
OS SEGREDOS DOS LEOPARDOS

Sabia que quando um Leopardo-da-pérsia pisca os olhos é sinal de calma e confiança? Ou que “Amir”, um dos leopardos do Jardim Zoológico, se chama assim em homenagem a Amirhossein Khaleghi, um reconhecido conservacionista iraniano? Estas curiosidades fazem parte da nova exposição junto à instalação do Leopardo-da-pérsia, desenvolvida pelo Zoo para aproximar os visitantes desta subespécie ameaçada.

Através de informação interpretativa e da identificação dos animais do Zoo, a exposição ajuda a compreender melhor o comportamento desta espécie e explica como foi pensada e estruturada a sua instalação. Por exemplo, os três túneis,

que recriam grutas e fendas do seu *habitat* natural; plantas como loureiros, romãzeiras ou oliveiras, cujo cheiro é essencial para a comunicação dos leopardos; e zonas altas, para que possam observar o seu território.

O Jardim Zoológico coordena atualmente o Programa *Ex situ* do Leopardo-da-pérsia (EEP) da Associação Europeia de Zoológicos e Aquários (EAZA), assegurando a manutenção de uma população viável sob cuidados humanos. Um exemplo desse trabalho aconteceu em 2012. Nesse ano, o Zoo transferiu para Sóchi, na Rússia, dois leopardos, “Andrea” e “Zadig”, reforçando o compromisso da instituição com a conservação.



HÁ UM NOVO ÓRIX NO ZOO

A nova cria de Órix-de-cimitarra, uma espécie em perigo de extinção, nasceu a 12 de abril e pode ser vista ao lado da mãe, com as suas longas patas e movimentos ainda inseguros.

O nascimento tem um significado ainda mais especial se recordarmos que, no início dos anos 2000, a espécie foi considerada “Extinta na Natureza” pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). A sua recuperação deve-se em grande parte aos programas internacionais de reprodução sob cuidados humanos, dos quais o Jardim Zoológico faz parte.

DA BOLSA MARSUPIAL PARA O MUNDO

Nasceu com um grama e menos de 20 milímetros e só se deixou ver pelos visitantes do Jardim Zoológico sete meses depois, em maio deste ano, às costas da mãe ou a espreitar da bolsa marsupial – a independência total só acontece entre os 12 e os 18 meses. A nova cria de Koala tornou-se o centro das atenções do Jardim Zoológico, o primeiro zoo da Europa a acolher a espécie, em 1991, e a participar no Programa *Ex situ* do Koala (EEP) da EAZA. Através do seu Fundo de Conservação, o Zoo tem contribuído financeiramente para a proteção da espécie e a recuperação do seu *habitat*, como aconteceu depois dos incêndios que devastaram a Austrália entre o final de 2019 e o início de 2020, uma tragédia que dizimou cerca de 60 mil koalas.



PARTENOGENÉSE

... é uma forma rara de reprodução nalguns insetos e répteis em que o embrião se desenvolve sem a presença de um macho, de forma assexuada. Foi o que aconteceu em 2006 no Zoo de Londres, quando, misteriosamente, quatro Dragões-de-komodo nasceram de uma fêmea, “Sungai”,

que não acasalava há dois anos. Só depois de um estudo genético se percebeu que se tratava deste fenómeno, pela primeira vez reportado nesta espécie. Duas dessas crias, “Budi” e “Bintang”, chegaram em 2007, o ano seguinte ao nascimento, ao Jardim Zoológico.

LEVAR O ZOO NA BAGAGEM

A marca própria do Jardim Zoológico está presente no aeroporto de Lisboa, com *souvenirs* pensados para visitantes de todo o mundo – uma maneira de levar o Zoo para casa e ainda apoiar projetos de conservação.

SABIA QUE...

... em 1996, o Jardim Zoológico participou na reintrodução de dois ádaxes no seu *habitat* natural, em Marrocos, num programa coordenado pela EAZA?

... a atual fêmea de Ádax do Jardim Zoológico, “Violeta”, é sobrinha desses animais, num contínuo esforço de conservação desta espécie, classificada como “ criticamente em Perigo”, segundo a IUCN?



Foi uma das maiores apreensões de tartarugas de sempre. Em fevereiro de 2001, as autoridades de Hong Kong desmantelaram uma rede de tráfico ilegal de tartarugas asiáticas destinadas ao consumo alimentar e à medicina tradicional. Em contentores de um barco e dentro de caixas de madeira estavam quase 10 mil tartarugas de várias regiões do Sudeste Asiático. De acordo com o relatório da apreensão, estima-se que a carga valesse perto de três milhões de euros. As tartarugas pertenciam a 12 espécies diferentes e estavam

“em grande sofrimento, depois de terem sido privadas de alimento e de água durante um período indeterminado”, lê-se no relatório. As condições de transporte dos animais eram precárias e “um número significativo apresentava anzóis presos no corpo, com linhas de pesca a sair-lhes da boca”. Cerca de três mil acabaram por morrer em Hong Kong. Os animais sobreviventes foram reencaminhados para zoológicos e centros de conservação em vários países, no âmbito de um programa de cooperação internacional liderado pela Turtle Survival Alliance

DE HONG KONG A LISBOA,

as tartarugas que sobreviveram ao tráfico

Vindas do Sudeste Asiático e com “picos” na carapaça, as Tartarugas-espinhosas são uma espécie única. Na Europa, o Jardim Zoológico é um dos poucos sítios onde se conseguem reproduzir.

(TSA), que envolveu várias organizações, incluindo a Associação Europeia de Zoológicos e Aquários (EAZA).

Entre os animais resgatados, estavam cerca de 600 Tartarugas-espinhosas (*Heosemys spinosa*), uma espécie facilmente reconhecida pelos seus espinhos na carapaça.

UMA ESPÉCIE EM PERIGO

Classificada como “Em Perigo” pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), a Tartaruga-espinhosa tornou-se um dos principais símbolos da vulnerabilidade das tartarugas no Sudeste Asiático, ameaçadas pelo comércio ilegal e pela desflorestação associada à expansão das plantações para produção de óleo de palma. “Os bordos espinhosos das

carapaças, muito marcados nas tartarugas juvenis e ausentes nas adultas, têm uma função de defesa e servem para dificultar a vida aos predadores, que não as conseguem engolir”, explica Susana Nolasco, EEP *coordinator* do Jardim Zoológico, instituição envolvida na conservação da espécie desde o ano da apreensão. “Além de ajudar na camuflagem, fazem-nas parecer maiores do que são.”

Apesar de pertencerem a uma família de tartarugas aquáticas, são animais com hábitos terrestres. “Andam pelo solo das florestas tropicais húmidas asiáticas, entre folhas, a comer frutas e insetos. Vivem perto de ribeiros, mas não têm um comportamento aquático”, refere Susana.

A DIFÍCIL REPRODUÇÃO

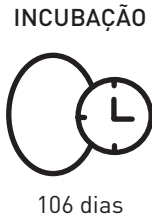
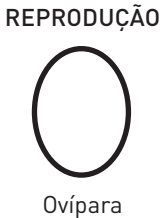
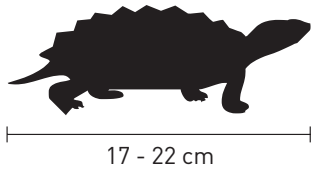
Graças à colaboração entre a TSA e a EAZA, 281 Tartarugas-espinhosas apreendidas em Hong Kong foram transferidas para instituições europeias em 2001. Porém, 170 morreriam pouco depois da chegada por estarem muito debilitadas. Foi nesse ano que o Jardim Zoológico assumiu a gestão do *Studbook* Europeu da espécie (ESB), com o registo genealógico e o acompanhamento de todos os animais das instituições participantes. Em 2022, o projeto foi elevado à categoria de Programa *Ex situ* (EEP) da EAZA e a coordenação manteve-se em Lisboa.

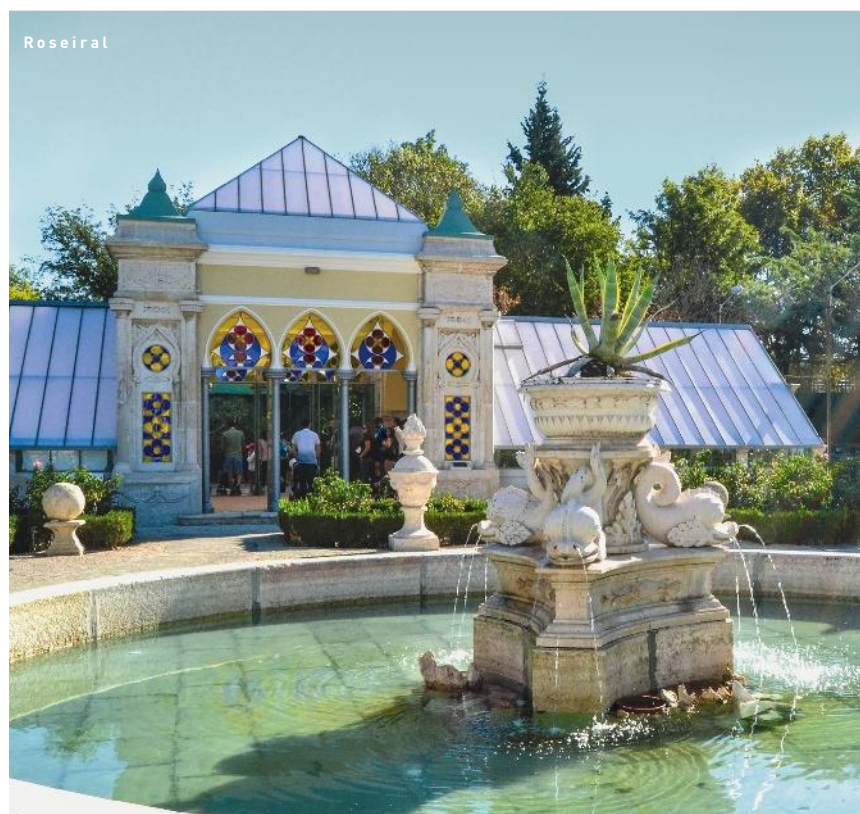
Na prática, isso significa analisar a evolução da população europeia de Tartarugas-espinhosas, controlar nascimentos e mortes, assegurar a variabilidade genética e “gerir outros esforços necessários, quer de dificuldades de reprodução ou de investigação”, afirma Susana. Atualmente, e apesar de todo o trabalho dos últimos anos, o número de Tartarugas-espinhosas na Europa continua a ser reduzido. No final do ano passado, existiam apenas 91 exemplares (25 machos, 38 fêmeas e 28 de sexo indeterminado), distribuídos por 23 instituições zoológicas europeias.

A reprodução em ambiente controlado continua a ser o grande desafio na conservação, com apenas nove crias nascidas nos últimos dez anos, distribuídas por três zoos: quatro em Lisboa, quatro em Praga e uma em Londres. Ainda assim, os mais recentes nascimentos, incluindo os do Jardim Zoológico, são motivo de esperança. Neste momento, o Zoo acolhe seis Tartarugas-espinhosas: três crias nascidas em Lisboa e três tartarugas adultas, entre elas uma fêmea que

sobreviveu à histórica apreensão de Hong Kong e que, mais de duas décadas depois, continua a ter um papel importante no futuro da espécie.

Fotografia: dwi putra stock/Shutterstock.com





UM EVENTO FORA DA CAIXA...

dentro do Zoo

Na Natureza, mas no meio da cidade, o Jardim Zoológico pode ser um cenário diferente para eventos *corporate*, que ao mesmo tempo contribuem para a conservação.

Jantares de empresa, reuniões, *team buildings*, lançamentos de livros, *cocktails* ou festas de aniversário. O Jardim Zoológico tem vários espaços reservados a eventos *corporate*, ao ar livre e no interior, que prometem tornar qualquer ocasião numa experiência memorável, no meio da Natureza, mas perto de tudo e num cenário único onde moram perto de dois mil animais. No Roseiral, um dos lugares mais emblemáticos do Zoo, e um dos segredos mais bem guardados da cidade, há duas

estufas em pedra com vitrais antigos e luz natural. Ideais para eventos à medida, as estufas ganham outra magia a partir de março, quando as flores do Roseiral desabrocham e dão mais cor ao jardim. Também o Teatrinho da Natureza, já dentro da zona paga do Jardim Zoológico, no Bosque Encantado, é ideal para receber convidados num espaço ao ar livre, com um banco de pedra circular, um lago e azulejos antigos, o cenário perfeito para lançamentos de produtos, eventos culturais e outras animações.

Já o Espaço Palhota, na área de acesso livre do Zoo e ideal para eventos de maior dimensão, combina zonas maioritariamente ao ar livre com áreas cobertas, um verdadeiro refúgio rodeado de vegetação. A sala de vidro fechada torna o espaço ainda mais versátil e adequado para comemorações que vão desde arraiais, apresentações institucionais ou jantares de empresa. Os eventos são pensados à medida de cada marca e empresa, tal como os *team buildings* personalizados, com atividades como caça ao tesouro,

peddy papers, gincanas ou jogos de perguntas, adaptados ao grupo.

Mais do que espaços para eventos de pequena ou grande dimensão, o Jardim Zoológico oferece um cenário inesperado para experiências únicas e memoráveis, que promovem o espírito de equipa e reforçam o compromisso das empresas com a conservação da Natureza e da biodiversidade.

MARCAÇÕES E INFORMAÇÕES

Email: eventos@zoo.pt
Telefone: 217 232 975

UM JARDIM COM HISTÓRIA

Com 142 anos e a atravessar três séculos, o Jardim Zoológico é feito de memórias e transformações.

Quando o Jardim Zoológico abriu portas, a 28 de maio de 1884, Lisboa era uma cidade muito diferente. As carruagens puxadas a cavalo eram o principal meio de transporte, a iluminação pública era escassa e a gás, e o país era governado pelo rei D. Luís I, num período marcado pela expansão da rede ferroviária.

Até ao dia da inauguração, não existia na Península Ibérica um espaço dedicado à fauna e à flora. A abertura foi, por isso, um momento crucial, no qual a família real fez questão de marcar presença no Parque de São Sebastião da Pedreira, o primeiro espaço do Zoo. Aliás, entre os mais de 1100 animais dos primórdios do parque – muitos vindos de África – alguns foram oferecidos pelo próprio rei.

A localização não era, no entanto, definitiva. Em 1894, o Zoo foi transferido para uns terrenos contíguos, na Palhavã, no lugar onde hoje se encontra a Fundação Calouste Gulbenkian. Uma década mais tarde, em maio de 1905, mudou-se para as instalações

que conhecemos hoje, na Quinta das Laranjeiras, em Sete Rios.

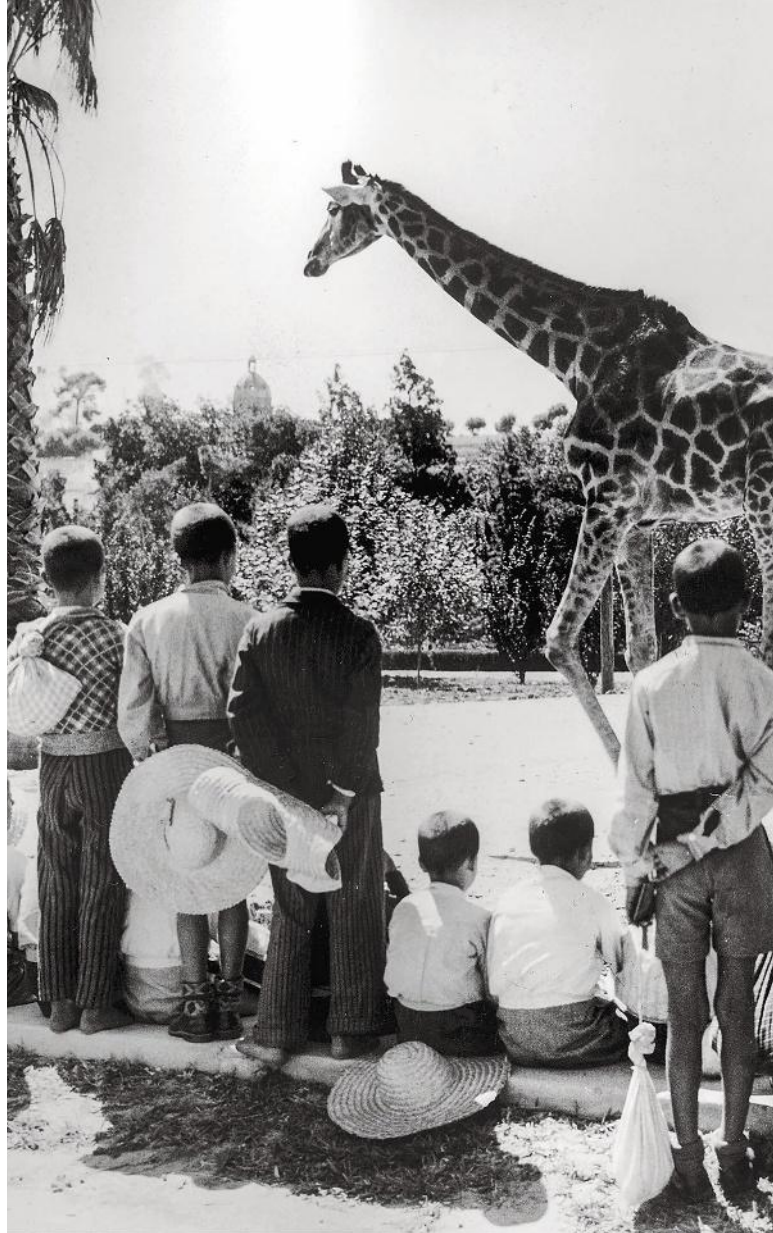
A atravessar três séculos de história, o percurso do Jardim Zoológico faz-se de várias memórias e transformações. Num artigo de 1979 do jornal diário “Portugal Hoje”, sublinha-se como, “com o andar dos tempos, [o Zoo] passou a constituir um compêndio vivo para o estudo da zoologia e um extraordinário lugar de encontro para muitos milhares de adultos e crianças”, com lugares míticos como a Aldeia dos Macacos ou a Escola Infantil de Trânsito, parte da infância de muita gente.

É esse imaginário que, em 1963, a jornalista e escritora Antónia de Sousa homenageia com um texto, “O Jardim Zoológico dos Pequenitos”, onde evoca a “pátina do tempo” que marca a história do Zoo, mas também a “ternura” e “o ar lavado das edificações recentes”.

Esse contraste acentuou-se sobretudo nas últimas décadas, quando as instalações foram

redesenhadas para reproduzir ambientes mais naturalistas e adequados às necessidades dos animais, privilegiando o seu bem-estar, mesmo que isso tenha tornado algumas espécies mais difíceis de observar pelos visitantes.

“O Jardim Zoológico hoje, não tem nada a ver com o que era há 20 anos e muito menos com o que era há 40, quando era uma mostra de animais e havia menos observação dos comportamentos naturais”, afirmava Carlos Agrela Pinheiro, atual administrador, na revista do Jardim Zoológico do ano passado. Hoje, o Zoo assume, sobretudo, um papel ativo e reconhecido internacionalmente na proteção de espécies ameaçadas e na educação ambiental, contribuindo para o futuro da vida selvagem.



OS GUARDIÕES DOS PANDAS-VERMELHOS,

os mais discretos habitantes do Zoo

No Nepal, uma equipa de guardas-florestais protege o Panda-vermelho no seu *habitat* natural.

O projeto da Red Panda Network é apoiado pelo Jardim Zoológico, que participa na conservação da espécie desde 1990.

Ashok Kumar Basnet percorre há mais de uma década os trilhos íngremes das florestas de Taplejung, no Leste do Nepal, à procura de um animal que raramente se deixa ver. Aos 77 anos, é o membro mais velho dos Forest Guardians, uma rede de guardas-florestais criada pela Red Panda Network (RPN) para proteger o Panda-vermelho (*Ailurus fulgens*) no seu *habitat* natural.

Quando o encontro direto não acontece – e raramente acontece – procura sinais da sua passagem. “Fezes, pegadas ou restos de alimentos”, conta durante uma videochamada. São estes vestígios que permitem confirmar a presença da espécie e acompanhar o estado das populações numa das regiões mais importantes para a sua conservação.

Mas o trabalho vai muito além de seguir as pistas. Ao longo das patrulhas, os guardiões

identificam ameaças ao *habitat*, monitorizam o estado da floresta, registam alterações na vegetação e procuram armadilhas deixadas por caçadores furtivos. Uma tarefa exigente, sobretudo no terreno acidentado do leste do país e durante a época das monções, quando os trilhos se tornam ainda mais difíceis de percorrer.

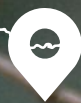
O programa dos Forest Guardians, integrado na RPN e apoiado anualmente pelo Jardim Zoológico, tem sido fundamental para a conservação dos Pandas-vermelhos na Natureza, uma espécie classificada como “Em Perigo” pela IUCN. Atualmente, a RPN atua no Nepal e nalgumas regiões do Butão, embora a ideia seja que, no futuro, possam “expandir o trabalho de conservação para todos os países onde o Panda-vermelho existe”, diz Sonam Tashi Lama, coordenador dos

programas de conservação. Isso incluirá também algumas zonas da China e florestas remotas da Índia e em Myanmar.

Por enquanto, são 156 pessoas a trabalhar como Forest Guardians – 20 são mulheres – e uma zona de intervenção que abrange 78 florestas comunitárias. No Nepal, e desde que a RPN foi criada, em 2007, o foco tem sido sempre o trabalho com as comunidades locais. “São elas que vivem na região, conhecem melhor as florestas e têm um conhecimento profundo do comportamento do Panda-vermelho no seu *habitat*”, continua Sonam. “Além de monitorizar os Pandas-vermelhos, o objetivo é também fazer a ligação das comunidades com o governo e com a RPN nos esforços de proteção. São, no fundo, os embaixadores locais da conservação.”



NEPAL



28 - 50 cm

51 - 73 cm

PESO



3 - 6 kg

DIETA



Omnívora

ATIVIDADE



Crepuscular
e noturna

HABITAT



Floresta

REPRODUÇÃO



Vivípara

GESTÇÃO



4 - 5 meses



Ashok Kumar Basnet
Fotografia: Nishan Limbu/RPN



Fotografia:
RPN

EMBAIXADORES LOCAIS

Ser guardião das florestas do Panda-vermelho tornou-se um motivo de orgulho local e, desde a criação do programa, esta função tem passado entre gerações da mesma família. É o caso de Umesh Limbu, que em 2018 integrou o projeto, seguindo os passos do pai, Bhakti Hang Limbu. Hoje, participa em patrulhas na floresta e trabalha na recuperação do *habitat* dos pandas, através da recolha de sementes e plantações em viveiros.

Além de sensibilizar as comunidades para a importância do Panda-vermelho, o programa tem mostrado um forte impacto na vida local, através da criação de empregos, campanhas de vacinação de animais domésticos, infraestruturas ou da atribuição de bolsas de estudo a jovens da região.

A parceria com o Jardim Zoológico, tal como outras colaborações com instituições

internacionais, é “essencial” para a continuidade do trabalho dos Forest Guardians, considera Umesh. “Em países em desenvolvimento como o Nepal, os orçamentos municipais para conservação são muito limitados”, diz. “O financiamento externo facilita a implementação dos projetos e ajuda a envolver as autoridades locais na proteção do Panda-vermelho e de outras espécies.”

Em termos práticos, esses fundos permitem também comprar equipamento de trabalho, como “botas e material de campo”, acrescenta Ashok, bem como garantir “apoios mais regulares” a quem está no terreno.



Fotografia:
Eric Isselee/Shutterstock.com

DISCRETOS MAS POPULARES

A milhares de quilômetros das florestas de Taplejung, o Panda-vermelho tem outros guardiões. No Jardim Zoológico, a espécie existe desde 1990, vinda do Beijing Zoological Garden, na China. Desde essa altura, e ao abrigo do Programa *Ex situ* (EEP) da EAZA, já nasceram em Lisboa 12 crias de Panda-vermelho. “Kibar”, que morreu em 2025, com 17 anos, e pai da fêmea que existe hoje no Zoo, chegou a ser um dos mais velhos da Europa.

Nos últimos anos, a popularidade dos Pandas-vermelhos tem crescido entre os visitantes mais novos, sobretudo depois da estreia do filme da Disney/Pixar, “Turning Red – Estranhamente Vermelho”, em 2022, sobre uma adolescente que se transforma num Panda-vermelho gigante.

Com isso, veio também a frustração: ao contrário do panda do filme, os Pandas-vermelhos são tão discretos que passam a maior parte do tempo a dormir nas copas das árvores e não se deixam ver. “Apesar de serem animais vermelhos no meio da folhagem verde, conseguem camuflar-se bastante bem”, confirma uma das tratadoras, Sara Vicente, que acompanha a espécie diariamente. “No verão, com mais folhas nas árvores, torna-se

ainda mais difícil vê-los, mas sabemos que estão cá. Demoramos é um pouco mais a encontrá-los.”

De manhã, ainda antes do Zoo abrir portas ao público, ou ao final do dia, quando a temperatura baixa, a probabilidade de ver “Angura”, a fêmea de três anos nascida em Lisboa, ou “Ravi”, o macho de dois que chegou o ano passado do Zoo de Roterdão, aumenta. “São animais crepusculares”, continua Sara. “Tentamos vir cá mais cedo, para apanhá-los ainda ativos, mas nem sempre conseguimos.”

36 HORAS

É o tempo máximo por ano em que uma fêmea está receptiva para acasalar.

A janela temporal pode ser de apenas 12 horas por ano, normalmente entre janeiro e março, o que torna este encontro entre macho e fêmea bastante raro.

Fotografia:
Ming Zhi Wu/RPN



ETIMOLOGIA

O termo “panda” deriva da expressão nepalesa “ponya”, que significa “comedor de bambu”, uma referência dietética que explica a associação histórica entre o Panda-vermelho e o Panda-gigante, apesar de pertencerem a famílias taxonómicas distintas.

UMA PAUSA NA GESTAÇÃO

Os Pandas-vermelhos acasalam normalmente no inverno e podem fazer uma diapausa embrionária. Após a fecundação, as fêmeas conseguem interromper temporariamente a gestação para sincronizar o nascimento das crias com o final da primavera ou o início do verão, quando o clima é mais ameno e há mais alimento.





UVAS E BAMBU

Desde 1990 que a instalação dos Pandas-vermelhos se mantém no mesmo sítio, perto dos lêmures e do Urso-formigueiro. Na verdade, são duas instalações, unidas por uma ponte, uma “auto-estrada nas árvores”, diz Sara, que lhes permite ter mais espaço e manter a sua vida solitária entre abrigos e nove espécies diferentes de bambu, a base da sua alimentação. Nalgumas ocasiões, por exemplo, fora da época reprodutiva, é possível remover a ponte e separar temporariamente os dois pandas.

Em dias de muito calor, a instalação tem aspersores e placas de gelo para refrescar. Nessas alturas, o casal poucas vezes desce da amoreira, uma das suas sombras preferidas. Durante as sessões de treino

médico com os tratadores, “Angura”, “mais curiosa”, descreve Sara, não costuma resistir a uvas, a sua fruta preferida – aliás, o seu nome significa uva em nepalês.

Os treinos consistem em tocar num *target* de cor diferente – “Ravi” no azul e “Angura” no amarelo – uma boa maneira dos tratadores avaliarem de perto a saúde dos animais ou direcionarem-nos para uma balança. “Têm a sua personalidade, vêm se quiserem”, refere a tratadora.

Não nos podemos esquecer que são uma espécie muito tímida. E especial. “Muita gente não sabe, mas o Panda-vermelho foi o primeiro panda a ser descrito para a ciência [em 1825], 50 anos antes do Panda-gigante”, sublinha Sara.

VIZINHANÇA PACÍFICA

Os Pandas-vermelhos partilham a instalação no Zoo com duas fêmeas de Muntjac-chinês (*Muntiacus reevesi*), pequenos veados de florestas do Sudoeste da China, numa coexistência pacífica e com poucas interações. Embora ambas as espécies possam coabitar na mesma região na Natureza, ocupam espaços diferentes: os Pandas-vermelhos vivem essencialmente nas árvores, enquanto os muntjacs estão no solo.



ANATOMIA DE UM PANDA



Cauda: Com riscas, a cauda de um Panda-vermelho tem, em média, 40 centímetros – e pode chegar aos 50 centímetros. É essencial para garantir o equilíbrio entre ramos e funciona também como cobertor para o frio.



Polegar: O chamado “falso polegar” nos membros dianteiros é uma extensão do osso do pulso que funciona como um sexto dedo, tal como no Panda-gigante. Permite agarrar o bambu e facilita a subida e a descida nas árvores.



Adaptações alimentares: Apesar da sua dieta ser maioritariamente à base de bambu, o Panda-vermelho tem uma dentição de onívoro e o sistema digestivo de um carnívoro.

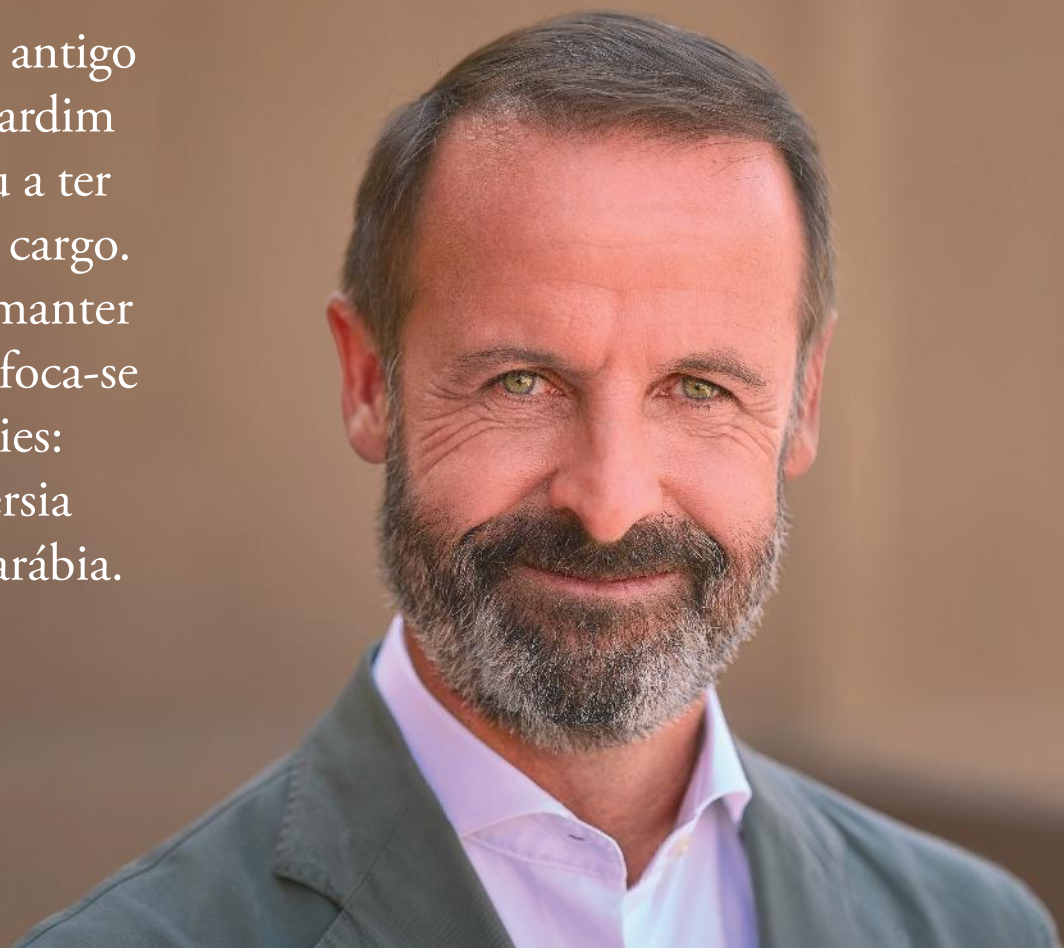


Máscara: O focinho, vermelho e branco, a imagem de marca do Panda-vermelho, faz lembrar o de um guaxinim e também ajuda na camuflagem. As orelhas são grandes e pontiagudas.

CONSERVAÇÃO: UMA MISSÃO PARTILHADA

José Dias Ferreira, antigo curador-geral do Jardim Zoológico, chegou a ter 250 espécies a seu cargo. Agora, apesar de manter a ligação ao Zoo, foca-se em duas subespécies: o Leopardo-da-pérsia e o Leopardo-da-arábia.

Fotografia:
Dr Abid Mehmood



Em 2012, quando José Dias Ferreira era curador-geral do Jardim Zoológico, foi chamado a Sóchi, na Rússia, para resolver um problema diplomático. Na altura, no Cáucaso, tentava reintroduzir-se o Leopardo-da-pérsia (*Panthera pardus tulliana*) na Natureza, a maior subespécie de leopardo do mundo, mas os animais do centro de reprodução criado em 2009 pareciam não se entender. “Eram dois casais do Turquestão e do Irão que foram oferecidos à Rússia, mas que não estavam a conseguir

reproduzir-se”, recorda José Dias Ferreira, coordenador do Programa *Ex situ* (EEP) da EAZA desde 2013. Já em Lisboa, “Andrea” e “Zadig”, o casal de Leopardos-da-pérsia do Zoo, eram um exemplo a seguir – ao todo, tiveram mais de dez crias. “A taxa de reprodução era altíssima, de dois em dois anos havia ninhadas de dois, três animais, uma mãe espetacular e nós estávamos a ser um exemplo em termos europeus e mundiais”, continua o antigo curador-geral.

Foi a partir dessa altura que o Jardim Zoológico se envolveu no Programa *Ex situ* (EEP) da espécie – ainda hoje em curso, com José Dias Ferreira como coordenador. “Andrea” e “Zadig” foram os enviados especiais à Rússia para tentar resolver a situação. “Não é tão simples como ter um macho aqui e uma fêmea ali e reproduzir”, continua. Ajuda “ter um casal bem-sucedido e já estabelecido, que requer pouca intervenção por parte dos tratadores do centro de reprodução, no Cáucaso, cuja

experiência era inexistente em maneo de leopardos”. Em 2016, “Victoria”, a fêmea descendente do casal do Jardim Zoológico, tornava-se o primeiro exemplar a ser reintroduzido no seu *habitat*. “Foi o primeiro nascimento na Rússia em 50 anos e ocorreu menos de um ano após a chegada do casal a Sóchi”, sublinha José Dias Ferreira. “Isso acabou por estimular a reprodução dos outros casais. Passado um mês, uma das fêmeas, “Cherry”, oriunda do *habitat* natural, teve uma ninhada.”

CONHECIMENTO PRÁTICO

A história de “Andrea” e “Zadig”, que também pode ser lida na recente exposição junto à instalação dos Leopardos-da-pérsia no Jardim Zoológico, é um bom exemplo da importância que os zoológicos podem ter na conservação de espécies ameaçadas. “O papel dos bons zoológicos é fundamental e, muitas vezes, complementa e potencia o trabalho das pessoas e organizações que atuam no *habitat* natural”, defende José Dias Ferreira, que coordena agora o programa de reprodução de outra subespécie, o Leopardo-da-arábia (*Panthera pardus nimr*), na Arábia Saudita.

“A maior parte das pessoas pensa que o conhecimento em termos de manejo estaria com alguém que está no *habitat* natural de determinada espécie, que a vê uma vez de quatro em quatro meses, mas o que acontece é que quem está a trabalhar diariamente, por exemplo, com os Leopardos-da-pérsia tem o conhecimento prático ali”, continua. Aliás, a experiência de duas décadas no Zoo – até 2022,

quando rumou para a Arábia Saudita – foi o que o preparou para o seu novo cargo, a gerir a reintrodução e *rewilding* do Leopardo-da-arábia numa área que tem “praticamente 80% do tamanho da Bélgica”, diz. “Aprendi muito. Este acesso diário a situações com animais, que podem ser positivas ou negativas, dá-nos uma preparação brutal para qualquer um dos desafios que eu tenho que enfrentar aqui.”

DE 250 ESPÉCIES ATÉ AOS LEOPARDOS

Quando chegou ao Zoo, em 1998, como assistente do gestor da coleção animal, os tempos eram de transição. “Foi o início da mudança, cerca de 70% do Zoo teve que ser refeito”, conta. “Tivemos que reconstruir a maior parte das instalações, incluindo as de grandes primatas como gorilas, chimpanzés e orangotangos, e também as instalações de felinos. Ao mesmo tempo, estávamos a fazer uma renovação profunda da coleção animal, que era gigantesca e, num espaço em

que não era possível manter tantas espécies.”

Mais tarde, em 2002, e depois de uma curta experiência no Ómega Parque, em Monchique, com espécies ameaçadas, foi convidado para o cargo de curador-geral do Zoo, onde durante 20 anos teve cerca de 250 espécies à sua responsabilidade. Acabou por centrar-se nos leopardos. “E com animais relacionados com os leopardos em termos de dieta. Estamos a fazer a recuperação de todo o ecossistema para podermos reintroduzir Leopardos-da-arábia em 2032.”

O processo é muito semelhante ao da reintrodução do Lince-ibérico em Portugal e Espanha. “É um dos exemplos que tenho dado, porque, neste momento, é o projeto com mais sucesso a nível mundial com felinos em conservação e reintrodução.”

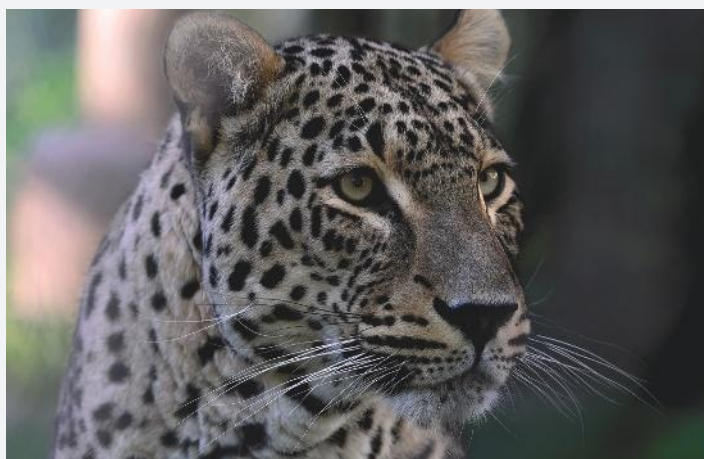
Este projeto que gere na Arábia Saudita mantém uma ligação a Lisboa. Rui Bernardino, diretor do Departamento Zoológico e Veterinário do Zoo, é *vet advisor* do Programa *Ex situ* (EEP) do Leopardo-da-arábia.

“O Jardim Zoológico também deu formação ao nosso *vet manager* saudita, que está em Taif, no centro de reprodução”, conta. “Esteve em Lisboa durante um mês a fazer um curso intensivo e a trabalhar com mais de 200 espécies. Dá-lhe uma casuística diferente.”

O Jardim Zoológico mantém também uma ligação ao programa através de Susana Nolasco, *Studbook keeper* do Leopardo-da-pérsia. Há 15 anos que prepara e compila o *Studbook* internacional da subespécie, um trabalho que resultou na publicação de mais de dez edições pelo Jardim Zoológico. Em colaboração com o coordenador do EEP, elabora ainda as recomendações anuais de reprodução e de transferência de animais entre mais de 40 instituições zoológicas na Europa, América do Norte e Ásia.

O percurso de José Dias Ferreira mostra-nos que hoje a conservação é um trabalho contínuo, que pode unir a Rússia, Lisboa e até a Arábia Saudita.

AS DIFERENÇAS



LEOPARDO-DA-PÉRSIA

TAMANHO

Maior subespécie de leopardo. Os machos podem ultrapassar os 90 kg.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA HISTÓRICA

Irão, Turquia, Cáucaso e algumas zonas da Ásia Central

CLASSIFICAÇÃO IUCN

Em Perigo



LEOPARDO-DA-ARÁBIA

TAMANHO

Menor subespécie de leopardo. Os machos raramente ultrapassam os 35 kg.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA HISTÓRICA

Arábia Saudita, Omã e Iémen

CLASSIFICAÇÃO IUCN

Criticamente em Perigo

POSTER





Fotografia: David Chancellor
Leopardo-da-arábia



TRÊS TIGRES FELIZES

para ver no Zoo

Das seis subespécies de tigre existentes no mundo, duas estão representadas no Jardim Zoológico, que este ano recebeu mais três jovens animais.



O Jardim Zoológico tem novos inquilinos de peso: um casal de Tigres-da-sibéria e um jovem Tigre-de-sumatra. A 21 de fevereiro, o Zoo recebia “Tochka”, vinda do Zoo de Colónia, na Alemanha, uma fêmea de Tigre-da-sibéria (*Panthera tigris altaica*), subespécie considerada o maior felino do mundo. A chegada marcou o início de uma nova etapa do Programa *Ex situ* (EEP) desta espécie, classificada como “Em Perigo” pela IUCN.

No mesmo dia, chegava também um macho da mesma subespécie, “Ozzy”, proveniente do Zoo de Zlín, na Chéquia. O casal foi selecionado no âmbito do Programa *Ex situ* (EEP) da EAZA, com o objetivo de assegurar a sustentabilidade genética da população de tigres sob cuidados humanos, através de uma gestão coordenada entre instituições.

Não há duas sem três e, a 27 de maio, o Zoo recebia “Musí”, um jovem Tigre-de-sumatra (*Panthera tigris sumatrae*), do Zoo de Wrocław (Breslávia), na Polónia. Esta subespécie, a mais pequena entre os tigres, está classificada como “Criticamente em Perigo” pela IUCN, devido, em grande parte, à caça furtiva, ao comércio ilegal e à destruição contínua das florestas tropicais da ilha de Sumatra.

Atualmente, são reconhecidas seis subespécies de tigres, entre as quais o Tigre-da-sibéria e o Tigre-de-sumatra, as duas representadas no Jardim Zoológico. Além de observarem os animais de perto, os visitantes do Zoo têm a oportunidade de aprender mais sobre a importância da conservação destas espécies e dos seus *habitats* naturais.

Íbis-eremita

UMA

AVE

PUNK

em perigo de extinção

O Jardim Zoológico faz parte do programa de conservação desta espécie que, depois de séculos extinta na Europa, volta a ser introduzida em zonas como a Andaluzia.

Sem penas na cabeça, mas com uma crista de penas pretas alongadas na nuca, a Íbis-eremita (*Geronticus eremita*) destaca-se pelo seu aspeto inconfundível, quase *punk*, entre as aves do Jardim Zoológico.

Depois de ter desaparecido de grande parte da Europa há vários séculos, sobrevive agora apenas nalgumas zonas do Norte de África e do Médio Oriente, encontrando-se,

segundo a IUCN “Em Perigo” a nível global – há apenas 250 adultos da espécie na Natureza de acordo com os números da IUCN.

Nas últimas décadas, os esforços de conservação e proteção da Íbis-eremita têm-se multiplicado, com o objetivo de recuperar populações selvagens viáveis. Como o Projeto Eremita, na Andaluzia, que desde 2004

se dedica à reintrodução da espécie na região. Os resultados mais recentes, referentes ao ano passado, mostram o maior crescimento de sempre desde o início do projeto, com cerca de 270 indivíduos em meio selvagem e 87 crias, das quais 56 atingiram a fase de voo.

Também o Jardim Zoológico integra o Programa *Ex situ* (EEP) da EAZA, que assegura

a gestão coordenada da reprodução e a continuidade da população sob cuidados humanos. Em fevereiro, recebeu sete Íbis-eremita: três machos do Zoo de Planckendael, na Bélgica, e quatro fêmeas vindas do Zoo de Paris, em França, que se juntaram ao grupo já existente. O objetivo é permitir a reintrodução em zonas como a Áustria, a Alemanha, a Andaluzia e a Catalunha.

PRIMEIROS PASSOS FORA DO NINHO

No início de maio, nasceram três Íbis-eremita no Jardim Zoológico, que começam agora a aventurar-se fora do ninho. Nestes primeiros meses, os progenitores têm demonstrado um forte instinto protetor, garantindo que um deles permanece sempre junto das crias.



Fotografia: Eric Isselee/Shutterstock.com



O BICHINHO DE APRENDER

Com uma componente mais científica, lúdica ou fotográfica, as formações do Centro Pedagógico dão aos participantes ferramentas para trabalhar em educação ambiental e ajudam no recrutamento para a equipa de educadores zoológicos.



Rafael Martins reparou por acaso num cartaz na faculdade que anunciava as formações de educação ambiental do Centro Pedagógico, uma componente fundamental do trabalho do Jardim Zoológico. “Não sabia da existência destes *workshops*, mas desde criança que queria trabalhar no Zoo”, conta o biólogo de 23 anos.

Estava no terceiro ano da licenciatura em Biologia, quando viu o anúncio afixado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e decidiu convencer dois amigos a juntarem-se. Primeiro, na formação “Biodiversidade: Educar para Conservar” e, mais tarde, na de “Animadores de Educação Ambiental”. A experiência deixou marca. “Continuava o bichinho para ficar aqui”, confessa. Foi o que aconteceu assim que acabou a faculdade. Há três anos, começou a trabalhar como animador de educação ambiental na equipa dos campos de férias do Zoo e, um ano depois, na equipa de educadores ambientais, mais virada para programas escolares, onde continua até hoje. Percursos como o de Rafael ajudam a explicar o sucesso das formações promovidas pelo Centro Pedagógico, que desde 1996 funciona com o lema “Educar para Conservar”. Implementadas em 2009, nasceram da necessidade de comunicar temas ligados à conservação da Natureza e à biodiversidade, bem como de dotar os participantes com ferramentas para trabalhar em educação ambiental em contexto educativo.

Estas formações oferecem ainda a possibilidade de integrar as equipas de educadores e animadores ambientais do Jardim Zoológico.

“Atualmente temos duas grandes vertentes”, explica Antonieta Costa, diretora do Centro Pedagógico do Jardim Zoológico há 19 anos. “A formação de educadores ambientais que prepara para os programas educativos dirigidos às escolas, com uma componente científica mais forte, e a formação de animadores de educação ambiental, mais ligada aos campos de férias e às atividades de sensibilização no terreno, numa abordagem mais lúdica”, diz.

Existe ainda a formação de “Iniciação à Fotografia da Vida Selvagem”, com o fotógrafo Nuno Branco, que combina técnicas fotográficas com conhecimentos sobre o comportamento animal durante um fim-de-semana e que culmina com um “safári” fotográfico no Zoo.

As formações, com vagas limitadas e anunciadas no site do Zoo, têm várias datas, e costumam esgotar com antecedência. O público é sempre variado, de estudantes universitários a biólogos, educadores e até “empresas, colegas de outros zcos ou pessoas de medicina ou engenharia aeroespacial”, diz Antonieta Costa. Para a diretora do Centro Pedagógico, as formações são muito mais do que uma forma de recrutar pessoas. “É a melhor maneira de mostrar a nossa missão.” Uma missão que continua a despertar vocações e a espalhar o bichinho da educação ambiental.

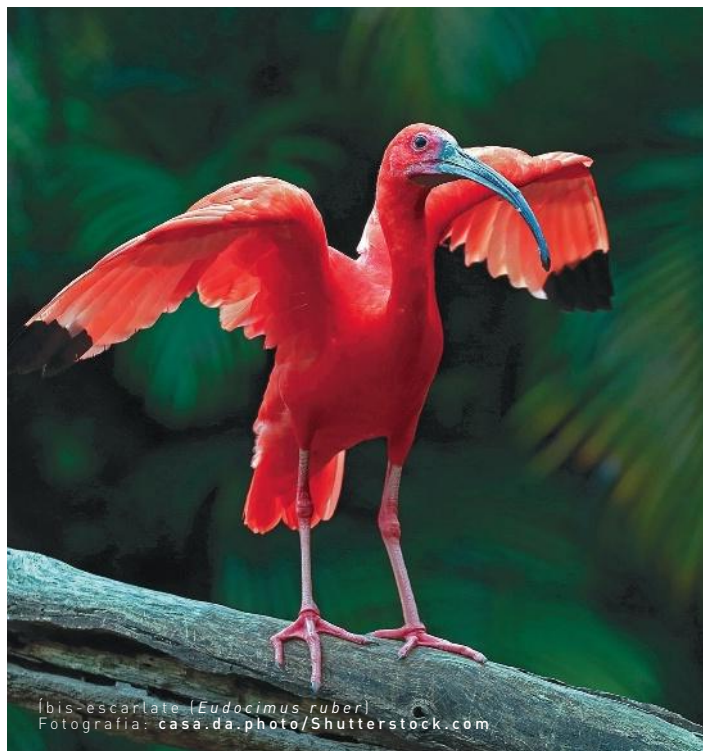
ZONAS HÚMIDAS:

os ecossistemas que são os super-heróis da Natureza



Rã-verde (Pelophylax perezi)
Fotografia: Forcast/Shutterstock.com

Muitas vezes discretas, as zonas húmidas ajudam a equilibrar o planeta e a combater as alterações climáticas. O Jardim Zoológico associa-se à campanha da EAZA “Wetlands for Life”.



Ibis-escarlata (Eudocimus ruber)
Fotografia: casa.da.photo/Shutterstock.com

Sabia que mais de 40% das espécies do planeta dependem das zonas húmidas para sobreviver, alimentar-se ou reproduzir-se? Ou que estas áreas funcionam como escudos naturais contra fenómenos extremos, como cheias ou tempestades? E que as zonas húmidas armazenam até 40% do carbono terrestre, contribuindo de forma decisiva para a redução do efeito de estufa e para o combate às alterações climáticas?

O Zoo associou-se à campanha da EAZA “Wetlands for Life”, apresentada no Jardim Zoológico sob o mote “Wetlands – Um Tesouro a Conservar”, com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre as zonas húmidas e reforçar a sua importância para o equilíbrio do planeta e para a preservação da biodiversidade. Na verdade, as zonas húmidas são ecossistemas onde a presença de água doce, salobra ou salgada é o fator dominante, ainda que muitas vezes passem despercebidos na paisagem. Apesar disso, são fundamentais para a vida na Terra. Podem ser naturais – como rios, lagos, lagoas, charcos, pântanos, sapais ou estuários – ou artificiais, criados ou modificados pelo homem para a agricultura, a gestão da água ou a produção de sal.

Com um dia mundial dedicado a estes ecossistemas, assinalado a 2 de fevereiro, as zonas húmidas têm vindo a ganhar cada vez mais destaque na agenda global da conservação. No entanto, continuam entre os *habitats* mais ameaçados do planeta, sobretudo devido ao crescimento urbano, à agricultura intensiva e à construção de barragens. Além das alterações climáticas, a poluição por resíduos industriais, fertilizantes e pesticidas tem vindo a degradar a qualidade da água e a pôr em risco espécies que dependem destes ecossistemas para sobreviver. Estima-se que cerca de 90% das zonas húmidas a nível mundial já tenham sofrido algum tipo de degradação ou perda, o que torna urgente a sua proteção e recuperação. Neste contexto, o Zoo quer reforçar a importância da conservação destes ecossistemas, sublinhando que pequenas ações no dia a dia podem ter um impacto real e duradouro: poupar água, optar por produtos de limpeza mais ecológicos, respeitar e proteger áreas naturais, plantar espécies nativas e não invasoras, evitar a poluição e promover a reciclagem são gestos simples que fazem a diferença. Até porque proteger as zonas húmidas é proteger a vida no planeta.



**wetlands
for life**
EAZA CONSERVATION
CAMPAIGN 2026 - 2027

“ O bem-estar das pessoas
e da vida selvagem está
profundamente ligado ”



1,1 - 1,5 m

94 cm

PESO



40 - 65 kg

DIETA



Carnívora

ATIVIDADE



Diurna

HABITAT



Savana

REPRODUÇÃO



Vivípara

GESTÃO



3 meses

Laurie Marker é a fundadora do Cheetah Conservation Fund, um programa que promove a coexistência de chitas e humanos na Namíbia. Os cães de guarda são fundamentais no processo, como “Lisboa”, enviada pelo Zoo.



Desde os anos 90 que a conservação da Chita (*Acinonyx jubatus jubatus*) na Namíbia assenta num princípio: sem o bem-estar das comunidades locais, não há futuro para a espécie. Foi com base nesta ideia que a norte-americana Laurie Marker, de 72 anos, criou o Cheetah Conservation Fund (CCF), um dos mais reconhecidos programas de conservação de chitas, que combina ciência, educação e soluções práticas para os habitantes locais, incluindo a distribuição de 800 cães de guarda que estão a ajudar agricultores a proteger o gado.

De onde veio o seu interesse por chitas?

O meu interesse surgiu muito antes de me mudar para a Namíbia. Dirigi o programa de reprodução das chitas no Wildlife Safari, no Oregon [Estados Unidos], e comecei a perceber quão extraordinárias são. Não só por serem o animal terrestre mais rápido do mundo, como por serem uma espécie única e particularmente vulnerável. Criei a instalação de reprodução sob cuidados humanos mais bem-sucedida dos Estados Unidos e, a partir daí, dediquei-me a aprender tudo o que pude sobre chitas.

Foi então que decidiu mudar-se para África.

Cheguei à Namíbia em 1977 para um projeto de investigação pioneiro, com o objetivo de compreender as etapas necessárias para ensinar uma chita nascida sob cuidados humanos a caçar e a sobreviver na natureza. Foi aí que descobri que centenas de chitas eram mortas ou capturadas todos os anos por criadores de gado, que as viam como uma praga e uma ameaça.

O que acontecia no terreno?

Os agricultores estavam a tentar proteger as suas famílias e os seus meios de subsistência. Perdiam gado e muitas vezes capturavam ou abatiam estes animais em retaliação. Percebi que a conservação nunca teria sucesso se se limitasse a salvar o predador sem responder às preocupações daqueles que vivem lado a lado com a vida selvagem.

Foi esse o ponto de partida para o Cheetah Conservation Fund.

Esta perceção mudou a minha vida. Fundei o CCF em 1990, porque acreditava que tinha de haver uma forma de pessoas e chitas coexistirem. A solução passava pela ciência, pela educação, pelo envolvimento das comunidades e por ferramentas práticas que beneficiassem tanto a vida selvagem quanto as pessoas. Mais de três décadas depois, essa convicção continua a orientar o nosso trabalho.

O programa de cães de guarda foi uma maneira de permitir essa coexistência. De onde surgiu a ideia?

Quando falávamos com os agricultores, eles repetiam a mesma pergunta: “Se deixarmos de matar chitas, como protegemos o nosso gado?”. No Oregon, onde vivia, usavam-se cães de guarda da Europa para proteger rebanhos de ovelhas. Quando cheguei à Namíbia, comecei a estudar métodos tradicionais de proteção de gado usados noutras partes do mundo e descobri os cães Pastor-da-anatólia, da Turquia, que protegiam rebanhos de predadores há milhares de anos.

Como é que o programa foi implementado na Namíbia?

Foi lançado em 1994. Primeiro com cães Pastor-da-anatólia, vindos dos Estados Unidos e, mais tarde, com cães Kangal [outra raça de cães de guarda, também da Turquia]. A partir daí, passámos a criar e a distribuir cachorros pelos agricultores. Os cachorros começam a conviver com o gado entre as 9 e as 12 semanas de vida, para criarem laços com os animais e verem-nos como família. Desde então, já criámos e distribuímos mais de 800 cães. Temos cerca de 200 cães a trabalhar no terreno e uma equipa a tempo inteiro que acompanha os agricultores e monitoriza o bem-estar dos animais.

E tem resultado?

O impacto foi profundo. Muitos agricultores reduziram as perdas de gado entre 80 e 100%. Isso melhorou a segurança económica das famílias e diminuiu a necessidade de abater predadores. O programa demonstrou que a conservação não tem de acontecer à custa das comunidades locais. Na verdade, o bem-estar das pessoas e da vida selvagem está profundamente ligado.

Os habitantes locais passaram a olhar para as chitas de outra forma?

Sem dúvida. Muitos deixaram de ver as chitas apenas como inimigos e passaram a reconhecer que a coexistência é possível. Agricultores que antes matavam predadores nas suas terras tornaram-se, em muitos casos, defensores da conservação e começaram a partilhar isso com os vizinhos. A mudança de mentalidades é um dos resultados mais importantes do programa.

Um dos vossos grandes desafios continua a ser a longa lista de espera por cães.

A procura é superior à nossa capacidade de resposta e os agricultores chegam a esperar dois a três anos para receber um cão. Apesar da expansão do programa, o processo é demorado: seleção genética, cuidados veterinários, socialização e acompanhamento contínuo. O financiamento também é um desafio constante.

Para esse financiamento também tem contribuído a ajuda de instituições internacionais.

Nenhuma organização consegue salvar chitas sozinha. Os zoolos e instituições de conservação contribuem não só financeiramente como com conhecimento especializado, capacidade de investigação, oportunidades de formação e envolvimento do público. Em conjunto, conseguimos partilhar conhecimento e desenvolver soluções que beneficiam as chitas em toda a sua área de distribuição.

O Jardim Zoológico tem apoiado o CCF desde 2019, incluindo no programa de cães de guarda.

Tivemos a grande sorte de receber uma fêmea para reprodução, doada pelo Jardim Zoológico. Chama-se “Lisboa Bella” e é uma Pastor-da-anatólia grande e magnífica, que já teve crias excecionais.



Laurie Marker com
“Lisboa Bella”
Fotografia: Cheetah
Conservation Fund



Fotografia:
Cheetah Conservation Fund

Como descreve a importância desta parceria com o Zoo?

Tem sido extremamente valiosa. O apoio permitiu-nos pôr mais cães com agricultores e garantir o acompanhamento necessário para assegurar o sucesso do programa a longo prazo. A parceria reflete um compromisso partilhado com soluções práticas de conservação baseadas na ciência e no envolvimento das comunidades. Demonstra como instituições situadas a milhares de quilómetros podem ter um impacto significativo na vida de famílias rurais na Namíbia e na sobrevivência das chitas na Natureza.

De que maneira é importante para o CCF receber cães de fora, como a “Lisboa”?

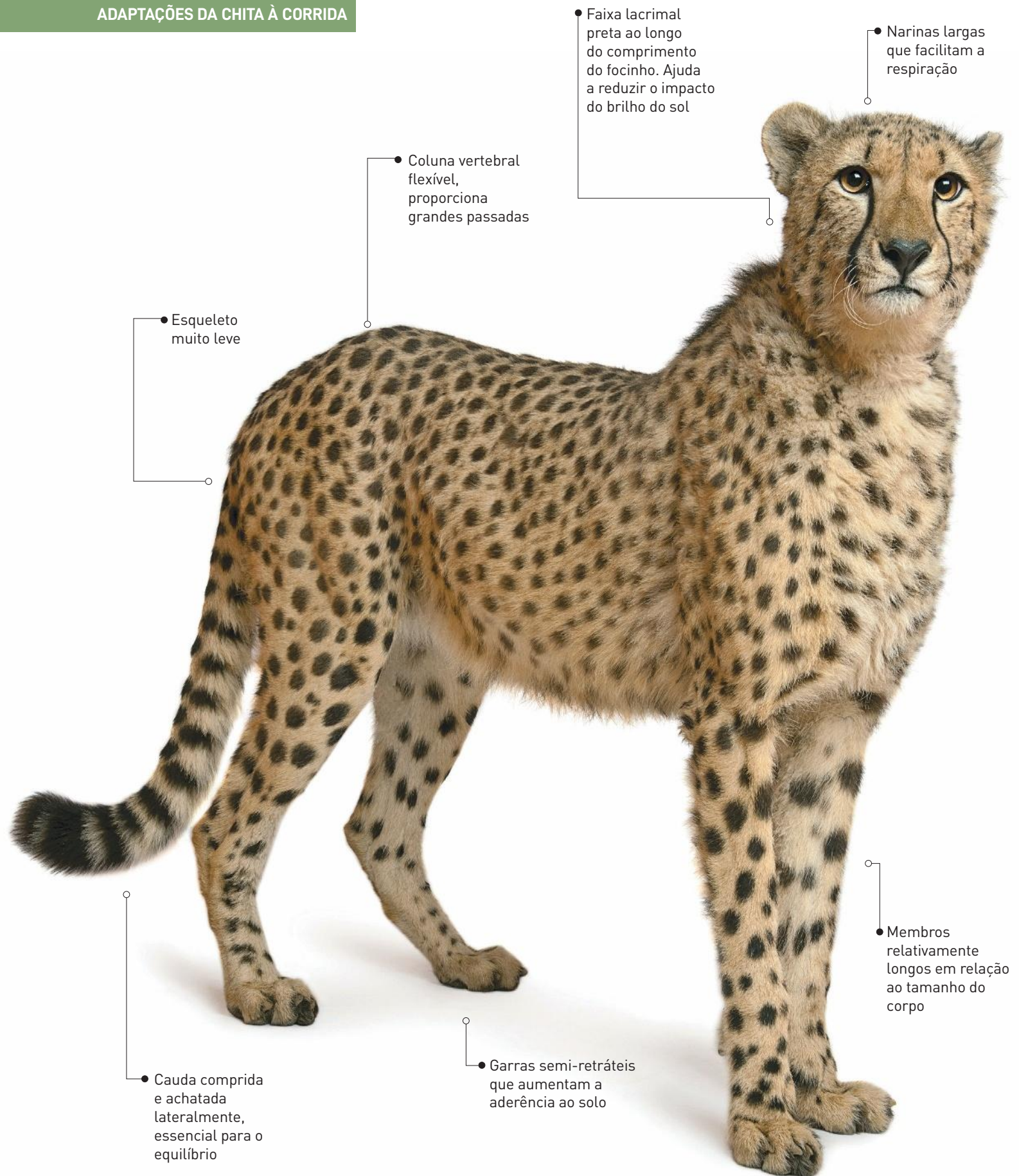
A introdução de cães como a “Lisboa” no nosso programa de reprodução ajuda

a manter uma diversidade genética saudável e reforça a qualidade das futuras gerações de cães de guarda. Também simboliza algo mais profundo: a conservação constrói-se através de relações duradouras. Programas eficazes exigem compromisso, confiança e uma visão partilhada ao longo de muitos anos. Quando os parceiros investem não apenas financeiramente, mas também emocional e estrategicamente, tornam-se parte da própria história da conservação.

Olhando para o futuro, a conservação da espécie está garantida?

O futuro da Chita não está garantido. Mas, se continuarmos a trabalhar em conjunto, estou confiante que temos todas as razões para acreditar que as gerações futuras ainda vão ver chitas a correr livremente pelas paisagens de África.

ADAPTAÇÕES DA CHITA À CORRIDA





Fotografia: Sahara Conservation

DO ÁDAX À ZEBRA:

*um compromisso com
a vida selvagem*

Através do Fundo de Conservação, o Jardim Zoológico participa em programas em todo o mundo, apoiando espécies ameaçadas, a investigação científica e a recuperação de *habitats*.

Nos últimos 30 anos, o número de Zebras-de-grevy (*Equus grevyi*), a maior subespécie de zebra e a mais ameaçada, diminuiu 54% no seu *habitat* natural, no norte do Quênia e em núcleos isolados da Etiópia. Se, nos anos 80, existiam cerca de 5800 na Natureza, hoje são menos de três mil, “Em Perigo” de acordo com a lista de espécies ameaçadas da IUCN.

Esta diminuição está associada, sobretudo, à destruição do *habitat* das zebras e à escassez de recursos naturais. Em períodos de seca, cada vez mais frequentes e intensos, a sobrevivência das crias torna-se ainda mais difícil, inviabilizando a recuperação das populações.

No Quênia, a Marwell Wildlife, organização britânica apoiada pelo Jardim Zoológico, tem-se revelado fundamental no desenvolvimento da estratégia de conservação da espécie. O trabalho no

terreno passa por censos e monitorização das populações de zebras, com uma equipa de colaboradores que faz o acompanhamento regular das zonas mais remotas. Inclui também ações de apoio às comunidades, reforçando a ligação entre a conservação e o bem-estar dos habitantes locais.

Em paralelo, a Marwell Wildlife desenvolve investigação científica e trabalha na gestão de parques e reservas que funcionam como refúgios essenciais para a espécie, sobretudo em períodos de seca.

O Jardim Zoológico voltou a reforçar o seu apoio ao programa de conservação *in situ* de outra espécie ameaçada, o Mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*), na mata atlântica do Rio de Janeiro, através da Associação Mico-Leão-Dourado (AMLD).

Fundada em 1992, a AMLD, apoiada pelo Zoo desde 1994, trabalha no terreno para

combater as principais ameaças à espécie, em colaboração com autoridades ambientais, organizações não governamentais, comunidades locais e instituições científicas. A destruição e a fragmentação da floresta, associadas à expansão urbana, continuam a ser os maiores desafios de conservação, depois da população de micos ter sido reduzida a cerca de 200 indivíduos na década de 70.

Nos últimos anos, a cooperação entre a AMLD e uma rede internacional de mais de 160 instituições, entre as quais o Zoo, tem sido determinante para a recuperação da espécie. Este trabalho inclui apoio financeiro, sensibilização do público e a partilha de conhecimento técnico entre equipas de tratadores e veterinários.

Essa colaboração revelou-se essencial durante o surto de febre amarela entre 2016 e 2018, que provocou um forte

impacto nas populações selvagens e exigiu uma resposta coordenada.

Atualmente, os zoológicos mantêm uma população de segurança de cerca de 500 indivíduos, que funciona como reserva genética e pode ser fundamental em futuros programas de reintrodução na Natureza. O Zoo apoia também o Mico-leão-de-juba-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*), originário da mata atlântica do sul da Bahia, através do Lion Tamarins of Brazil Fund. Em 2024, este apoio foi direcionado para a Iniciativa de Conservação do Mico-Leão-Baiano (ICMLB), que, em 2025, desenvolveu ações no terreno centradas na educação ambiental e na promoção de práticas agrícolas sustentáveis, essenciais para a proteção do *habitat*.

Em 2025, o Zoo passou ainda a apoiar a Sahara Conservation, organização dedicada à preservação da vida selvagem



e dos ecossistemas do deserto do Saara e do Sahel.

Este apoio dá continuidade ao trabalho de recuperação de espécies emblemáticas da região, como o Órix-de-cimitarra (*Oryx dammah*), declarado pela IUCN como “Extinto na Natureza” em 2000, cuja reintrodução no Chade se tornou um caso de sucesso internacional. Este projeto abriu caminho à reintrodução de outras espécies ameaçadas, como o Ádax (*Adax nasomaculatus*) e a Gazela-dama (*Nanger dama*).

O Jardim Zoológico reforçou igualmente o seu contributo para a investigação sobre o herpesvírus endoteliotrópico dos elefantes (EEHV), uma das principais ameaças à sobrevivência de jovens

elefantes asiáticos. O apoio ao Fundo de Investigação em Elefantes tem permitido avanços importantes no desenvolvimento de vacinas, que começaram a ser administradas no ano passado em zoológicos europeus, um passo significativo na prevenção da doença.

Além disso, o Jardim Zoológico continua a apoiar programas de conservação de espécies em todo o mundo, como o Leopardo-da-pérsia no Cáucaso Maior e Menor, o Panda-vermelho no Nepal, o Okapi (*Okapia johnstoni*) na República Democrática do Congo, o Pinguim-do-cabo (*Spheniscus demersus*) na África do Sul e o Dragão-de-komodo (*Varanus komodoensis*) na Indonésia.



Anfíbios



Saguim-cinzento



Espécies da
mata atlântica



Macaco-capuchinho-
de-peito-amarelo



Mico-leão-de-juba-
-dourada



Mico-leão-dourado



Golfinho-roaz



Lince-ibérico



Ádax



Foca-monge-do-
-mediterrâneo



Órix-de-cimitarra



Grandes primatas



Okapi



Grandes primatas



Chita



Pinguim-do-cabo



IUCN Conservation Planning
Specialist Group



Carnívoros Europeus



Leopardo-da-pérsia



Panda-vermelho



Elefante-asiático



Leopardo-da-arábia



Tartarugas



Espécies do
Sudeste Asiático



Zebra-de-grevy



Tigres



Dragão-de-komodo



Lémure-vermelho



Aves de canto



Rinocerontes



Koala

MISSÃO DO ZOO NO MUNDO

*Programas de Conservação
Século XXI*

CONSERVAR, EDUCAR E INVESTIGAR

Através do seu Fundo de Conservação, o Jardim Zoológico participa ativamente em programas no *habitat* natural. Desta forma, estende a sua missão muito além do seu perímetro, até à área de distribuição de diversas espécies.



Fotografia:
Rohit Varma

UMA VACINA PARA SALVAR ELEFANTES

Com o apoio do Jardim Zoológico, o Fundo de Investigação em Elefantes deu passos decisivos no combate a um vírus letal nas populações jovens.

Nas últimas décadas, o herpesvírus endoteliotrópico dos elefantes (EEHV) tem sido uma das principais causas de morte em elefantes jovens sob cuidados humanos, mas também na população selvagem, afetando, sobretudo, elefantes asiáticos com menos de oito anos. A doença hemorrágica aguda, com efeitos semelhantes aos do ébola nos humanos, tem uma taxa de mortalidade de mais de 80% e é um dos grandes motivos de preocupação para a sua sobrevivência. No entanto, 2025 trouxe motivos de esperança. Depois de vários anos de investigação internacional, foram concluídas com sucesso várias vacinas contra o EEHV, incluindo a vacina desenvolvida pela Universidade de Utrecht, nos Países Baixos, em testes desde o final de 2024. A vacina começou a ser administrada a jovens elefantes em vários zoológicos europeus desde o início do ano passado, um passo histórico na tentativa de

combater uma doença para a qual não existe uma forma eficaz de prevenção. Este progresso foi possível graças ao trabalho de investigadores, universidades e zoológicos que integram o Fundo de Investigação em Elefantes, criado em 2023 durante a conferência da EAZA no Zoo de Helsínquia, na Finlândia, e apoiado desde essa altura pelo Jardim Zoológico. Além da investigação científica sobre o vírus e do desenvolvimento de vacinas, o fundo inclui também o reforço de serviços especializados de diagnóstico e serologia em elefantes, fundamentais para uma intervenção rápida nos casos clínicos. Os avanços alcançados nesta área representam um marco significativo para a investigação e para o futuro da conservação dos elefantes asiáticos, fruto de um esforço internacional desenvolvido ao longo de vários anos, no qual o Jardim Zoológico tem estado envolvido.

DO ZOO ATÉ AO DESERTO DO SAARA

A reintrodução do Órix-de-cimitarra no Chade e a recente parceria com a Sahara Conservation reforçam o compromisso do Jardim Zoológico com espécies ameaçadas em África.

Depois do sucesso do projeto de conservação do Órix-de-cimitarra (*Oryx dammah*) no Chade, na África Central – que depois de ter sido considerado “Extinto na Natureza” pela

IUCN, em 2000, foi reclassificado para “Em Perigo”, em 2023 –, o Jardim Zoológico decidiu apoiar a Sahara Conservation, uma organização dedicada à preservação da vida

selvagem e dos ecossistemas do deserto do Saara e das estepes do Sahel.

Criada em 2004, depois da extinção do Órix-de-cimitarra devido à caça e à destruição do seu *habitat*, o objetivo da associação foi unir esforços para a reintrodução da espécie na Natureza.

Mais de uma década depois, em 2016, os primeiros 16 Órix-de-cimitarra foram reintroduzidos na Reserva Ouadi Rimé-Ouadi Achim, a maior área protegida do Chade, com a ajuda de vários zoológicos e instituições privadas internacionais. Nos anos seguintes, juntaram-se mais 263 animais e hoje já nasceram mais de 500 crias na reserva, um verdadeiro caso de sucesso.

O projeto do órix abriu caminho para a reintrodução de mais espécies ameaçadas da região, como o Adax (*Addax nasomaculatus*),

atualmente classificado pela IUCN como “Criticamente em Perigo”.

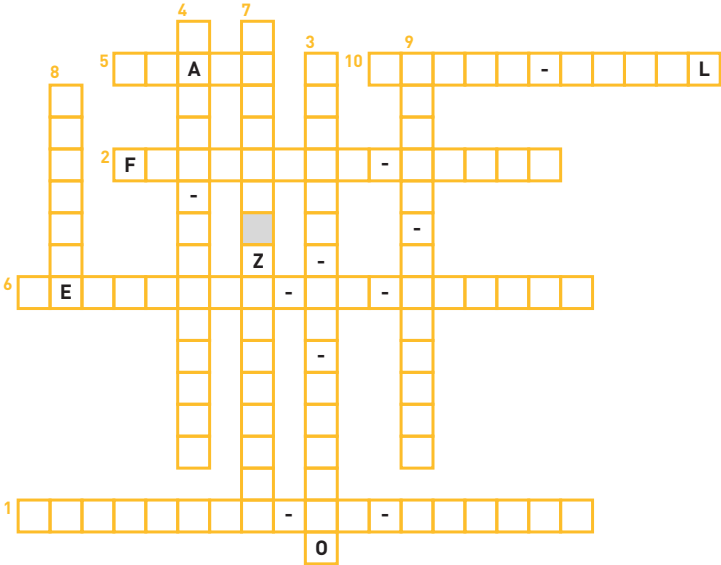
A Sahara Conservation controla as populações de animais através de métodos avançados, como coleiras de satélite, e acompanha o seu comportamento, dispersão, reprodução e alimentação. Além das reintroduções, também protege os ecossistemas naturais do Saara e do Sahel, com equipas no terreno dedicadas à vigilância, prevenção de incêndios e apoio às comunidades.

A parceria do Jardim Zoológico com a Sahara Conservation reforça o compromisso com a conservação de espécies ameaçadas e a recuperação de ecossistemas em risco com impacto direto no terreno. Este trabalho ganha expressão também no próprio Zoo, onde, a 12 de abril deste ano, nasceu uma cria de Órix-de-cimitarra.

Fotografia:
Sahara Conservation



PALAVRAS-CRUZADAS



1. O Jardim Zoológico é o coordenador do programa internacional de conservação deste felino.

2. Ave cujas crias nascem com penas cinzentas e adquirem, gradualmente, a cor rosa através da alimentação, representada no Jardim Zoológico.

3. Réptil em que pode ocorrer partenogénese, uma forma rara de reprodução em que um novo indivíduo se desenvolve sem fecundação.

4. Mamífero das florestas de bambu que possui adaptações como um falso polegar para segurar o alimento, uma cauda comprida para manter o equilíbrio e uma pelagem avermelhada para se camuflar.

5. Marsupial australiano cuja cria nasce com menos de 20 milímetros, completa o seu desenvolvimento na bolsa da mãe e, em adulto, alimenta-se exclusivamente de folhas de eucalipto.
6. Menor subespécie de leopardo, cujos machos raramente ultrapassam os 35 quilogramas de peso e que habita regiões da Península Arábica.

7. Parque dedicado à vida selvagem, que evoluiu ao longo do tempo, onde as instalações são desenhadas para se tornarem mais naturalistas e promoverem o bem-estar dos animais.

8. Anfíbio nativo do Lago Xochimilco, no México, que mantém as suas brânquias externas durante toda a vida. Encontra-se "Criticamente em Perigo".

9. Maior espécie de arara, facilmente reconhecida pela plumagem azul-cobalto e pelas manchas amarelas em redor dos olhos e do bico.

10. Serpente não venenosa com um padrão alternado de bandas em vermelho vivo e bandas em preto e branco. O seu nome deriva da semelhança com uma espécie venenosa.

ONDE VIVEM OS ANIMAIS?



QUIZZOO PANDA-VERMELHO

1. Qual é o *habitat* natural do Panda-vermelho?

A. Savana
B. Floresta
C. Deserto

2. Qual é o seu regime alimentar?

A. Carnívoro
B. Herbívoro
C. Omnívoro

3. Qual é o principal alimento que compõe a sua dieta?

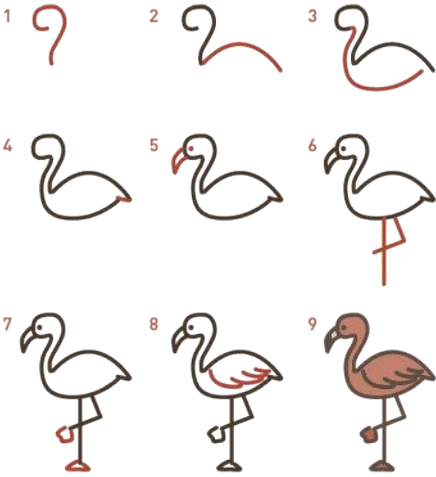
A. Bambu
B. Carne
C. Frutas tropicais
4. Qual é a principal ameaça à sobrevivência desta espécie?

A. Caça ilegal e perda de *habitat*
B. Falta de alimento
C. Desertificação

5. Qual é o programa de conservação que protege o Panda-vermelho na natureza?

A. Green Forest Project
B. Red Panda Network (RPN)
C. Animal Protection Alliance

COMO DESENHAR UM FLAMINGO



SOLUÇÕES

PALAVRAS-CRUZADAS: 1. Leopardo-da-pérsia; 2. Flamingo-rubro; 3. Dragão-de-komodo; 4. Panda-vermelho; 5. Koala; 6. Leopardo-da-arábia; 7. Jardim Zoológico; 8. Axolote; 9. Arara-jacinta; 10. Falsa-coral.

QUIZZOO: 1. B; 2. C; 3. A; 4. A; 5. B.

ONDE VIVEM OS ANIMAIS?: Siamango - Floresta tropical; Suricata - Savana; Axolote - Lago de água doce; Crocodilo - Pântano.

O JARDIM ZOOLÓGICO AGRADECE A TODAS AS EMPRESAS QUE O APOIAM.

Fornecedores Oficiais



Patrocinadores Oficiais



Padrinhos & Parceiros





AMOR À PRIMEIRA VISITA

VISITE O JARDIM ZOOLOGICO

APAIXONE-SE PELOS ANIMAIS E VEJA
O QUE ESTAMOS A FAZER PELA SUA
CONSERVAÇÃO



Lisboa
**JARDIM
ZOOLOGICO**
Portugal